

A saga do corredor de cemitérios

Resolveu finalmente seguir a orientação do médico. Passaria a caminhar pelo menos meia hora por dia, pela manhã. Mas o problema é que o bairro onde morava não tinha muitas áreas para caminhada. De qualquer jeito, não queria deixar a vontade passar.

Pegou o short e a camiseta, deixou a filha na creche e foi à luta. Mas que direção tomar? Até que lembrou-se de uma área que era bem ampla, com algumas árvores, bem silenciosa e que muito provavelmente estaria vazia: o cemitério.

A princípio imaginou que era uma idéia estapafúrdia. Afinal, quem é que frequenta cemitérios se não for para o inevitável, o enterro de um conhecido? Se bem que, nunca teve essa frescura de ter medo de cemitérios. Afinal, que mal os moradores de lá podiam fazer? Nenhum.

Com essa idéia na cabeça, rumou para o local. Foi atravessando as ruas e mantendo sua firme decisão de caminhar no cemitério. Ao fim de uma das transversais deu de cara com o portão. Vacilou por uns minutos. Seria mesmo uma boa idéia?

Cansou de pensar e entrou. Mas não escolheu a entrada principal. Poderia desistir ao ver aqueles portões enormes. Viu uma entradinha lateral e praticamente se jogou lá dentro. Um dos funcionários, que arrumava uma sepultura, olhou de lado mas não deu muita bola. E ele seguiu em frente, como se fosse super normal estar ali, sem nenhum cortejo fúnebre acontecendo no momento.

“Qual é o problema?”, pensou. “Eu posso muito bem estar visitando o túmulo de algum parente, conhecido ou – até mesmo – de um artista. Hoje em dia existe até um roteiro de turismo fúnebre...”

Mas quem ele queria enganar? A situação era desconfortável mesmo. Sentia como se todos os funcionários do cemitério tivessem olhos acusadores, que indagavam: “quem é esse doido que anda por aí, sem motivo nenhum”? Mas, também, que coisa! Não imaginava que um cemitério ficasse tão cheio de funcionários!

E assim, ele seguia. Em ritmo acelerado, como num *jogging* do além.